

A (IN)VISIBILIDADE DO CINEMA REGIONAL NA FORMAÇÃO EM CINEMA E AUDIOVISUAL NAS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS

Lóris Haissa Canhetti Silveira
Andréa Ferraz Fernandez
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT

RESUMO

Esta pesquisa investiga o lugar do cinema regional nos cursos de Cinema e Audiovisual das universidades federais brasileiras, analisando sua presença (ou ausência) nas matrizes curriculares. O trabalho se ancora em um panorama contemporâneo do cinema brasileiro, marcado por conquistas históricas em 2025, como o Oscar para *Ainda Estou Aqui* e a consagração cuiabana com quatro Kikitos para *Cinco Tipos de Medo em Gramado*. A pesquisa adota os conceitos de localidade, território e comunidade (PERUZZO, 2006; PERUZZO; VOLPATO, 2009) para compreender o cinema regional para além da geografia. Um mapeamento inédito das matrizes curriculares das universidades federais revela que apenas a UFPB possui disciplina obrigatória específica – Cinema Paraibano. A etapa seguinte consistiu em questionário com os 10 professores do curso de Cinema da UFMT. Os resultados indicam que 80% consideram a ausência da disciplina uma lacuna central; 90% apontam história e memória e produções locais como prioritários; 100% citam exibição e análise de filmes como metodologia essencial. As respostas abertas revelaram demandas por estudos de trajetória, imaginário regional e atualização constante

Palavras-chave: Cinema regional; Ensino de cinema; Currículo; Mato Grosso; Diversidade cultural.

INTRODUÇÃO

O cinema regional ocupa um papel estratégico no Brasil como registro das vivências locais e instrumento de resistência à centralização da produção audiovisual nos grandes centros do Sudeste. A formação universitária em cinema, no entanto, ainda se mostra descolada da valorização sistemática dessas produções.

O ano de 2025 consolidou-se como marco para o cinema brasileiro. Ainda Estou Aqui tornou-se a primeira produção brasileira a vencer o Oscar de Melhor Filme Internacional. O Agente Secreto recebeu o prêmio de Melhor Direção em Cannes. No cenário interno, Cinco Tipos de Medo, do cineasta cuiabano Bruno Bini, conquistou quatro Kikitos em Gramado, incluindo Melhor Filme. Esses eventos revelam a potência da produção regional.

No entanto, é necessária uma visão crítica sobre esses reconhecimentos. O Oscar reforça as lógicas do mercado hollywoodiano, consagrando modelos estéticos alinhados a interesses hegemônicos. Construir uma visão crítica significa recusar a ideia de que o reconhecimento internacional deva passar necessariamente por sua validação, defendendo circuitos alternativos que coloquem no centro a diversidade do cinema brasileiro.

Partindo desse diagnóstico, esta pesquisa defende que a inclusão do cinema regional nas matrizes curriculares dos cursos de cinema é uma medida estratégica. Incorporar essas narrativas ao ensino superior significa democratizar o acesso às histórias periféricas e descentralizar a legitimidade audiovisual.

METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A pesquisa adotou abordagem qualitativa e exploratória, ancorada nos conceitos de localidade, território e comunidade (PERUZZO, 2006; PERUZZO; VOLPATO, 2009) e na noção de glocalização (PERUZZO, 2009). O referencial parte de Peruzzo para compreender o local como uma teia complexa que envolve aspectos geográficos, culturais, históricos e econômicos. O cinema regional que interessa a esta pesquisa é aquele que se afirma a partir de suas singularidades. A metodologia compreendeu três etapas:

1. Mapeamento nacional: análise documental das matrizes curriculares e planos de ensino dos cursos de Cinema e Audiovisual das universidades federais, identificando a presença de disciplinas com foco regional;
2. Estudo de caso aprofundado: análise da disciplina Cinema Paraibano da UFPB e das ementas de Preservação Audiovisual da UFMS, UNILA e UFF;
3. Pesquisa com docentes da UFMT: questionário semiestruturado aplicado aos 10 professores do curso no segundo semestre de 2025, abordando relevância da disciplina, conteúdos prioritários e metodologias.

RESULTADOS

O mapeamento das universidades federais com cursos de Cinema e Audiovisual revelou que apenas a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) possui uma disciplina obrigatória específica sobre cinema regional, denominada Cinema Paraibano, ofertada no terceiro período com carga horária de 60 horas (SIGAA, 2024).

Nas demais instituições, referências a produções locais aparecem de forma esparsa em disciplinas como História do Cinema Brasileiro ou, tangencialmente, em matérias técnicas como Preservação Audiovisual. Esse dado evidencia um silenciamento institucional que reproduz a hierarquização cultural entre centros hegemônicos e periferias.

A etapa qualitativa da pesquisa ocorreu no segundo semestre de 2025, por meio de um questionário enviado aos dez professores do curso de Cinema e Audiovisual da UFMT. Todos responderam, reconhecendo a importância do tema.

Quando perguntados se a ausência de uma disciplina específica sobre cinema regional representava uma lacuna na formação dos estudantes, oito professores (80%) responderam que sim, tratando-se de uma lacuna central. Dois professores (20%) também responderam sim, mas avaliaram que o conteúdo poderia ser suprido em outras disciplinas. Nenhum docente considerou que a ausência não representa uma lacuna.

A maioria entende a ausência como uma lacuna central. O professor Moacir Francisco Sant'ana Barros afirmou que a disciplina é fundamental para "ampliar o universo estudantil sobre a noção da identidade ao proporcionar outros modos de narrar — não só os modelos já estabelecidos — outras paisagens, sotaques e modos de vida".

O professor Diego Baraldi Lima destacou a importância de "vincular estudantes às possibilidades de trabalho com cinema e audiovisual em Mato Grosso". A professora Letícia Xavier de Lemos Capanema, por sua vez, defendeu a necessidade de construir um "repertório da produção regional" e de valorizar a "história e memória do cinema realizado no estado".

Em relação aos conteúdos que deveriam ser prioritários na disciplina, os professores puderam assinalar até três opções. História e memória do cinema em Mato Grosso e produções e realizadores locais foram os mais citados, cada um com nove menções (90% dos docentes). Políticas públicas, festivais e coletivos audiovisuais apareceram em oito respostas (80%), assim como estéticas regionais e identidades culturais, também com oito menções (80%).

Os resultados demonstram que não há um único eixo privilegiado, mas sim uma visão multidimensional do que seria o cinema regional. A história e memória aparecem como a base mais citada, refletindo a compreensão de que é preciso primeiro resgatar, sistematizar e ensinar a trajetória do audiovisual no estado — condição fundamental para qualquer reflexão crítica posterior. Em seguida, a ênfase em produções e realizadores locais sinaliza a importância do contato direto com a obra e com os agentes. A dimensão das políticas públicas, festivais e coletivos evidencia a percepção de que o cinema regional não se faz apenas de filmes, mas de ecossistemas de produção, difusão e articulação política. Por fim, as estéticas e identidades culturais apontam para a necessidade de se pensar a linguagem e a representação a partir do local.

O professor Diego Baraldi Lima, destacou a importância de "analisar acervos, difusão e distribuição do audiovisual regional". Outro, Alessandro Flaviano de Souza, propôs que o conteúdo fosse organizado de forma a contemplar tanto a história e as políticas do cinema no estado quanto às produções e estéticas — sugerindo inclusive que o tema poderia se desdobrar em duas disciplinas.

Quando perguntados sobre quais metodologias consideram mais eficazes para o ensino de Cinema Regional, a exibição e análise de filmes foi citada por todos os dez professores (100%). Seminários e debates apareceram em nove respostas (90%). A pesquisa de campo junto a agentes culturais e coletivos foi mencionada por oito docentes (80%), e oficinas práticas de realização foram indicadas por sete professores (70%).

A preferência unânime por exibição e análise de filmes alinha-se ao caráter fundante do contato direto com a filmografia regional. Não basta citar títulos; é preciso ver, discutir e criticar as obras em sala de aula. Os seminários e debates indicam a valorização da troca coletiva, da argumentação e do diálogo crítico. A inclusão da pesquisa de campo — citada por 80% dos docentes — revela um entendimento pedagógico avançado: a disciplina não deve se restringir ao espaço universitário, mas deve conectar-se com a realidade externa, envolvendo estudantes em processos de mapeamento, entrevistas e imersão nos contextos de produção e exibição locais.

Houve também sugestões de natureza mais estrutural. O professor Gabriel Costa Correia propôs que o conteúdo fosse "um panorama histórico sempre atualizado sobre a produção local", indicando que o cinema regional é um campo em movimento e que a disciplina precisa acompanhar suas transformações. O professor Alessandro Flaviano de Souza sugeriu novamente o desdobramento do tema em duas disciplinas — uma de caráter histórico e político, outra prática e realizadora — o que revela a percepção da complexidade e abrangência do tema. A professora Sabrina Tenório Luna da Silva, por sua vez, trouxe para o centro da discussão a necessidade de abordar "leis de incentivo e editais" como parte do conteúdo, articulando economia da cultura e análise fílmica.

As respostas abertas confirmam e detalham os eixos indicados nas opções fechadas, com acréscimos importantes: a ideia de estudos de trajetória, a ênfase na construção do imaginário regional, a proposta de desdobramento em duas disciplinas, a insistência na atualização do panorama e a articulação entre política cultural e estética. Fica claro que os docentes enxergam a disciplina não como um curso estático sobre o passado, mas como um espaço dinâmico de compreensão do presente e projeção do futuro do audiovisual mato-grossense.

CONCLUSÃO E PRÓXIMOS PASSOS

Os resultados da pesquisa confirmam a pertinência da hipótese inicial: a ausência de uma disciplina dedicada ao cinema regional é percebida como uma lacuna central na formação por 80% dos docentes da UFMT.

Os professores apontaram caminhos concretos: conteúdos prioritários (história e memória, produções locais, políticas públicas, estéticas regionais) e metodologias (exibição e análise de filmes, seminários, pesquisa de campo, oficinas práticas). As

respostas abertas revelaram demandas por estudos de trajetória, análise do imaginário regional e atualização constante.

O mapeamento nacional mostrou que apenas a UFPB possui disciplina obrigatória sobre cinema regional — uma exceção que demonstra a viabilidade da proposta. Em Mato Grosso, há movimento no território: a Rio dos Bororos Film Commission, em Poxoréu, atrai produções e forma mão de obra local desde 2022. Falta a conexão entre essa cena e a universidade.

Os resultados aqui apresentados fornecem os fundamentos empíricos para a construção coletiva de uma proposta pedagógica de disciplina sobre cinema mato-grossense, que será desenvolvida na continuidade desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. F. S. A jornada do Coxiponés: da criação aos 45 anos, um relato de experiências cineclubistas. In: SIQUEIRA, A. W. N. et al (Orgs.). Cinema e Audiovisual em Mato Grosso. Cuiabá: Paruna, 2022. (E-book)²

BORGES, L. C. O. Memória do Cinema em Mato Grosso. Cuiabá: Entrelinhas, 2018.

PERUZZO, C. M. K. Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 2006.

PERUZZO, C. M. K. Glocalização, comunicação comunitária e a intervenção nos espaços microrurbanos. In: PERUZZO, C. M. K; BRITTOS, V. C. (Orgs.). Comunicação e Espaços Microrurbanos. São Caetano do Sul: USCS, 2009.

PERUZZO, C. M. K; VOLPATO, G. Dimensões da Comunicação Comunitária e Local. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. Anais... Curitiba: Intercom, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas. Currículo do curso. João Pessoa, 2024. Disponível em: <https://sigaa.ufpb.br/sigaa/link/public/curso/curriculo/2701355>. Acesso em: 10 dez. 2024.